

REFINARIA FILMES, DAVID & GOLIAS e MUTUCA FILMES

apresentam

Estive em Lisboa e lembrei de Você



Um filme de **JOSÉ BARAHONA**

baseado no romance de **LUIZ RUFFATO** com **PAULO AZEVEDO**

ESTIVE EM LISBOA E LEMBREI DE VOCÊ

Portugal-Brasil | 94 min. | Drama | 2015

Um filme de José Barahona

Baseado no romance homónimo de Luiz Ruffato

ESTREIA NACIONAL

1 de dezembro de 2016 – Cinema Ideal / CinemaCity Alvalade /
/ CinemaCity Leiria / CinemaCity Setúbal

PREMIÈRE PORTUGAL

13º IndieLisboa

Abril de 2016

PREMIÈRE BRASIL

39ª Mostra Internacional de Cinema de São Paulo

Novembro de 2015

PREMIÈRE INTERNACIONAL

19º Festival Internacional de Cinema de Punta Del Leste, Uruguai

Fevereiro de 2016

Trailer do filme: [website David&Golias](#)

Produção: Refinaria Filmes | David & Golias | Mutuca Filmes

Distribuição Portugal: David & Golias

“Respira-se a limpidez do que vem depois das tempestades, é um filme de uma leveza comovente, mas é filme sem bonança. *Estive em Lisboa e Lembrei de Você*, de José Barahona é sobre os imigrantes brasileiros que chegam a Portugal, sobre o limbo que os imobiliza sem regresso. ‘Para quê voltar?’ Uma tristeza rarefeita, belíssimo. E sobre nós, portugueses.”

Vasco Câmara, Público

“Um filme muito singular na sua narrativa.”

Nuno Senna, Festival IndieLisboa

“... um mergulho do português radicado no RJ José Barahona na literatura do mineiro Luiz Ruffato, construindo um vocabulário centauro (meio doc., meio ficção) para narrar a jornada de um homem (em atuação irretocável de Paulo Azevedo) de Cataguases à capital lusa”.

Rodrigo Fonseca, Estado de São Paulo

“O filme é de um realismo sereno, mostra as dificuldades da vida de um estrangeiro, seus percalços e pequenas alegrias. Nunca busca o sensacionalismo ou a emoção fácil.”

Luiz Zanin, Estado de São Paulo

“Coprodução luso-brasileira, o filme é narrado com serenidade e parcimónia, dando mais ênfase ao desenho dos personagens do que à construção de um plot. Barahona utiliza composições expressivas e belas elipses, além de se beneficiar de um elenco de caras desconhecidas e perfeitamente adequadas aos seus papéis. Gostei sobretudo da atuação “branca” e mineiríssima de Paulo Azevedo no papel principal e do trabalho luminoso de Renata Ferraz (atriz brasileira imigrada para Lisboa) como a sinuosa Sheila. Destaque-se ainda a participação de Henrique Frade no personagem do Dr. Fernando, criação análoga à vida do ator, mas que também pode ser vista como uma versão pervertida do Dr. Pangloss, o mentor do Cândido de Voltaire.

Carlos Alberto Mattos, crítico de cinema

“Estive em Lisboa e gostei muito. Um filme simples no sentido mais poético da palavra. Um filme de um brasileiro em busca de si mesmo, de sua identidade, de sua cidadania, de uma pátria mãe que o acolha, de um lugar nesse mundo. Surpreendente!”

Eduardo Wotzik, encenador e ator

“Cineasta português faz canção de exílio simples e relevante”.

A Tarde

“A longa-metragem dirigida por José Barahona é uma radiografia específica da migração brasileira para a Europa. [...] Veio a calhar, num momento de grande movimentação de refugiados de guerra e xenofobia naquele continente. Logo, o filme é uma boa oportunidade para se pensar a questão.”

Cinema em Movimento

“Uma das maiores surpresas do circuito nacional em 2016”.

Rodrigo Fonseca, Estadão

“Um rito de passagem, viagem para dentro, estando fora”.

Estado de Minas

“Com serenidade e afetuosidade, o filme acerta ao evitar heróis e vilões, e envolve o público com aquilo que o ser humano tem de melhor: o próprio ser humano.”

Celso Sabadin, Planeta Tela

“Estive em Lisboa e lembrei de você é um rito de passagem, viagem para dentro, estando fora. O filme se divide em duas partes. A rotina do personagem em Cataguases e depois em Lisboa, para onde se mudou com a esperança de poupar euros e garantir vida tranquila à família”.

Carolina Braga, Estado de Minas

“Filme de José Barahona retrata imigração sem sentimentalismo”.

André Barcinsky, Folha de São Paulo

“*Estive em Lisboa e Lembrei de Você* é uma longa sensível, que trabalha com uma narrativa na primeira pessoa, colocando o espectador muito próximo do protagonista e das suas pequenas angústias. Interessante perceber que a breve narrativa literária de Ruffato aqui ganha profundidade, mostrada tanto nos belos planos abertos quanto nos fechados, que se aproximam tão perto do rosto de Serginho, que vai envelhecendo e nos deixando claro que não há pote de tesouro no fim do arco-íris”.

Emanuela Siqueira, Quadro por Quadro

“Uma narrativa delicada e de forte beleza estética”.

Susanna Lira, cineasta

“*Estive em Lisboa e Lembrei de Você* é uma feliz refeitura de uma história, infelizmente atualíssima: a da ida dos pobres do mundo para a Europa em busca de uma vida decente. Barahona agiu neste filme como um bom tradutor age sobre o texto de partida: foi fiel à essência, mas permitiu-se um olhar singular, que enriquece e amplia o horizonte do espectador.”

Luiz Ruffato



SINOPSE

Sérgio, um modesto funcionário da Companhia Industrial de Cataguases, Minas Gerais (Brasil), sofre uma reviravolta na sua vida: a sua mulher enlouquece, ele perde o emprego e a custódia do filho. Decide emigrar para Lisboa, a conselho dos amigos, em busca de oportunidades de trabalho para recompor a sua vida. Ao chegar, Sérgio é confrontado com a dura realidade da imigração; o dia-a-dia e o contraste cultural vão revelar um lugar diferente daquele com que sonhara.

Adaptado do romance homónimo do premiado escritor brasileiro Luiz Ruffato.

SOBRE O REALIZADOR

Nasceu em Lisboa em 1969 e reside atualmente no Rio de Janeiro, Brasil. José Barahona realizou diversos documentários e curtas-metragens desde 1995, altura em que se formou em Lisboa na Escola Superior de Teatro e Cinema, tendo concretizado os seus estudos em Cuba e em Nova Iorque. Como realizador o seu trabalho transita num território híbrido em que documentário e ficção se misturam: os seus documentários têm, muitas vezes, dispositivos ficcionais, e as suas ficções uma relação muito estreita com o documental. Nesse sentido destacam-se o documentário longa-metragem *O Manuscrito Perdido* (2010), vencedor, entre outros, do Prémio TV Brasil de Melhor Longa-metragem na 15ª Mostra Internacional do Filme Etnográfico (RJ). Foi publicado um livro sobre o filme com a chancela Selo Tordesilhas, com prefácio de Nelson Pereira dos Santos e o documentário *Milho* (Prémio CineEco em Movimento, CineEco, Seia, Portugal, 2009). Realizou também a curta-metragem *Pastoral* (2004), conquistando os prémios de Melhor Curta-Metragem no Caminhos do Cinema Português (Coimbra, 2005) e a Menção Honrosa no Fantasporto (Porto, 2005).

Estive em Lisboa e Lembrei de Você é a sua primeira longa-metragem de ficção.

NOTA DO REALIZADOR

Quando o livro de Luiz Ruffato me veio parar às mãos ocasionalmente, pensei de imediato que era a história ideal que eu gostaria de contar naquele momento. Eu, um português radicado no Rio de Janeiro, queria no meu trabalho estabelecer pontes entre os dois países. Já o tinha iniciado no documentário *O Manuscrito Perdido* (2010), e esta parecia a sua sequência lógica. Além disso, queria conhecer a história de vida de tantos imigrantes brasileiros que conheci em Lisboa, mas cujo passado no Brasil eu desconhecia. Lembro-me de em 2006, quando viajava em trabalho pelo interior de São Paulo, um empregado de mesa de um restaurante perguntar-me: “Você é português? É bom lá, né? Tenho um primo que trabalha em Lisboa, quem sabe eu não vou também...”. O mito de Lisboa como lugar onde se podia “vencer na vida” parecia-me exagerado, mas ele existia na mentalidade de muitas pessoas. Para concluir, o livro era tratado como um “falso depoimento” dado por Sérgio de Souza Sampaio a Luiz Ruffato em Lisboa, no restaurante Solar dos Galegos e eu já andava a trabalhar os meus documentários com uma forte componente ficcional.

Inicialmente, eu queria fazer um documentário baseado no livro, uma tarefa aparentemente contraditória, mas que fazia sentido para mim: diziam os números que a maior parte dos imigrantes brasileiros em Lisboa eram de Minas Gerais. Eu pretendia encontrar um “Sérgio” e segui-lo até Lisboa. Essa estratégia ruiu durante a minha primeira visita a Cataguases. Percebi que ali, na realidade, ninguém tinha ido para Lisboa e ninguém sonhava fazê-lo.

A ficção supera a realidade e se quase tudo no livro parecia real ou credível, isso deve-se à maestria do autor. É assim que funciona a criação de universos artísticos. Foi então que tudo se tornou mais evidente: eu iria encontrar um ator para encarnar a personagem principal, e procurar não atores ou atores amadores com histórias de vida semelhantes às descritas por Ruffato no livro. Foi o que aconteceu. Para cada personagem, eu pesquisei e adaptei a personagem à pessoa. Nalguns casos, como no caso da prostituta Sheila, não encontrei nenhuma prostituta disposta a fazer o filme, mas usei a história de vida de uma prostituta brasileira, que eu tinha entrevistado na preparação do filme, em vez da descrita por Ruffato no livro. Eu tentei fazer o caminho inverso ao de Ruffato. Tudo é ficção e tudo é um espelho da realidade. O que me agradou como método para este filme foi o facto de que não se distinguisse o documentário da ficção, embora eu tenha usado técnicas dos dois. Foi assim que a Mãe de Sérgio, o Dr. Fernando, o Sr. Alexandre, todos não-atores, entraram no filme como eles próprios com ligeiras adaptações. Foi assim que o Tarcísio, o Eric e o Leandro se tornaram amigos de Sérgio, atores amadores de Cataguases com o mesmo nome dos personagens. Eles trouxeram a vivência e a história da cidade para o filme. Sheila não era de São Paulo no livro, mas a atriz Renata Ferraz sim, e é emigrante brasileira em Lisboa. Logo, no filme Sheila tornou-se de São Paulo usando o seu sotaque e a sua vivência na construção da personagem. O próprio Paulo Azevedo é natural de Belo Horizonte, Minas Gerais e vive hoje em São Paulo, ou seja, fora do seu ambiente natural, um emigrante dentro do seu próprio país. Aquilo que normalmente procuramos como experiências de vida dos atores e que pode servir a construção da personagem, eu procurei logo na abordagem do casting. Foi uma experiência muito gratificante, pois ao receber de braços abertos as pessoas que eram, como eram, sem as querer transformar, a sua naturalidade em frente à câmara fluiu de forma inesperada. Não dei texto escrito aos não-atores. Dei a situação, as intenções, a história da cena. E o mais curioso é que no fim a cena e os diálogos improvisados com as palavras dos próprios nos ensaios, resultavam muito fiéis àquilo que Ruffato tinha escrito ou eu tinha adaptado.

Nem tudo foi trabalhado assim. Eu precisava de uma rede, de um guião mais preciso a partir do qual pudesse improvisar. Pensei então fazer um “falso documentário” entrevistando Sérgio, representado por um ator, o que me serviria de fio condutor da história. Mas no meio do processo de escrita do guião, dei-me conta que não queria fazer um filme dentro do filme. Não queria fazer um filme sobre cinema em que a linguagem fosse um mote importante ou muito importante. O falso documentário é sempre revelado e isso transfigura a percepção do filme. Não era isso que eu queria. Daí surgiu a ideia de que todo o filme seria um longo monólogo de Sérgio para o espectador. O olhar de Sérgio diretamente para a lente, e não para o realizador fora do quadro, como no documentário. Esse monólogo seria continuado com a construção das cenas que Sérgio introduz no seu texto.



Na verdade, não é para a câmara que o Sérgio olha, é para o espectador. Lembro-me de Eduardo Coutinho dizer que num determinado filme a sua personagem faz uma pausa, olha em redor e depois olha para a câmara e diz: “Você já foi peão?”. Quando Coutinho refere a câmara e o olhar da personagem, ele está a referir-se a si próprio, a personagem olha para Coutinho, e Coutinho é a câmara. É o que acontece no documentário com entrevistas ou conversas. O olhar da personagem é para o realizador esteja ele ou não no quadro, e o espectador identifica-se com o realizador. Neste caso seria o inverso. A personagem olha em redor, ela revê o seu passado e nós com ela, e quando olha para a lente, olha diretamente para o espectador assumindo assim a artificialidade do cinema.

Procurei referências. Filmes feitos assim. Sabia que não estava a inventar nada de novo, pois como alguns dizem “já foi tudo feito” na criação artística. Mas tirando a comédia, em que muitas vezes o comediante pisca o olho ao espectador, não encontrava nada semelhante. Encontrei, assustado, Saraband, o opus maravilhoso de Bergman. Não me lembrava que era assim construído. Alguém me lembrou. Quando apresentei ao Paulo Azevedo o filme como referência, isso também o assustou. Liv Ullmann e Ingmar Bergman!

O nosso filme é felizmente muito diferente e assim não há mote para comparações que nunca nos

poderiam ser benéficas em relação ao filme do mestre sueco. Mas o monólogo de Liv Ullmann para a câmara foi o nosso ponto de partida. Estudámos os olhares, as pausas, o modo de encarar ou não a câmara e todo o universo de significados que dali se podia construir.

Para trabalhar no guião, comecei a escrever editando o livro. Foram meses com o livro aberto ao lado do computador em que escolhia, editava, reescrevia, apropriando-me da linguagem de Ruffato. Depois, quando cheguei a uma versão satisfatória, fechei o livro e o filme começou a tomar uma forma mais autónoma. Novas cenas surgiram, situações e personagens. Características e modos de viver. O filme tornava-se autónomo do livro. Isso continuou a acontecer durante o processo de ensaios onde eu gravava os improvisos e ia para casa reescrevia o que achava melhor e devolvia aos atores. Desde o início, foi um processo de edição e criação. Eram as palavras deles. Isto foi sendo sempre desenvolvido até ao momento das filmagens, quando alguns dos diálogos ainda não estavam escritos ou definidos. Mas o modo de trabalhar já era familiar a todos nós. Eu podia pedir ao Paulo Azevedo uma improvisação meia hora antes de filmar, e discutíamos hipóteses, e ele, ator de muitos e vários talentos, respondia prontamente com algo que parecia ter sido escrito por Ruffato. Criávamos, mas tínhamo-nos impregnado da sua linguagem e mergulhado profundamente na personagem.

Na verdade tentei que este filme não tivesse dogmas na sua realização. Não estar preso a nenhum estilo ou género, não saber bem se estava a fazer documentário ou ficção, filmar como os atores sentiam, como eu sentia, como o filme sentia e me pedia. Porque num determinado momento, o filme parece adquirir vida própria e já não sou eu, o realizador, que faz escolhas, mas sim o próprio filme que as pede dentro da sua própria lógica interna.

Não existe nenhuma realidade no cinema a não ser a realidade de um filme que é visto. Tudo é criação.



ENTREVISTA A JOSÉ BARAHONA

Por Elsa Garcia



Foi após a leitura do livro de Luiz Ruffatto que decidiste fazer o filme *Estive em Lisboa e Lembrei de Você*? O que mais te cativou e inspirou no livro?

Houve vários aspetos que me cativaram assim que li o livro. Primeiro o facto de o livro ser apresentado, na introdução, como um depoimento dado por Sérgio de Souza Sampaio, o protagonista, ao autor em Lisboa e de o livro ser dedicado a um amigo de Ruffatto que lhe apresentou o Sérgio. Depois dessa nota introdutória, o que se segue é uma suposta transcrição da entrevista dada por Sérgio na primeira pessoa. Isso dá ao relato um “selo” de verosimilhança. Mas ... trata-se de um romance. Sérgio

é uma pessoa real? Não sei. Não importa. Ele é um personagem de um livro. Ora em cinema isso seria, se fizéssemos uma transposição literal, aquilo que chamamos de “falso documentário”. Poderíamos imaginar uma entrevista feita por alguém, num plano clássico de depoimento de documentário em que um ator representaria esse relato. Imaginei imediatamente que esse relato seria entrecortado com a reconstituição ficcional de algumas das cenas do livro criando assim um híbrido entre o “falso documentário” e a ficção. Talvez até mesmo encontrar alguém em Cataguases, cidade natal de Sérgio, que quisesse vir para Lisboa e usar a sua vinda, suas motivações e sonhos como âncora do filme. Isso não veio a acontecer pois a crise estava à porta em 2010/11, e o que acontecia era que os brasileiros que estavam em Lisboa começavam a pensar no seu regresso.



Depois o facto de eu, e muitos portugueses, sempre convivermos com pessoas com histórias de vida semelhantes: a imigração de pessoas menos qualificadas que trabalham em Lisboa e noutras cidades de Portugal em restaurantes, bares, cafés, na construção civil, etc. Mas eu tinha muita curiosidade de saber como era a vida deles antes de chegarem a Lisboa. Disso eu pouco sabia. Se por um lado houve muitos brasileiros que vieram para Lisboa já com trabalho assegurado como publicitários, arquitetos ou outras profissões, inclusive no audiovisual, estas pessoas mais humildes sonhavam com um Portugal e uma Lisboa onde poderiam construir uma vida melhor. Isso intrigava-me desde há muito. Foi preciso começar a trabalhar no Brasil e a conhecer mais de perto a sua realidade para perceber que a miséria no Brasil é muito mais profunda e desumana que em Portugal. Quando estamos em Portugal temos tendência a pensar que as coisas estão muito mal, que a vida é muito difícil economicamente, que é o pior país do mundo. Não é. Mesmo com a crise em Portugal, e mesmo com todos os progressos alcançados pelas políticas sociais dos últimos governos no Brasil, infelizmente a miséria no Brasil é infinitamente superior à existente em Portugal. O grau de pobreza, de escravidão, de fome e de exploração do homem pelo homem, as desigualdades e o abismo social entre ricos e pobres é muito maior!

E finalmente eu quis fazer deste livro um filme porque ele é de certa forma um espelho de mim próprio. Dadas todas as distâncias que referi anteriormente, eu estava nesse momento a chegar ao Brasil



como imigrante por causa da crise portuguesa e por causa da paralisia total na produção de cinema que se deu nessa época. Essa deslocação, o estar fora do meu lugar é algo com que me identificava. Eu poderia descobrir o passado do protagonista no Brasil, e retratar o estranhamento dele na cidade onde vivi quase toda a minha vida.

À semelhança de *O Manuscrito Perdido* como foi a experiência de fazer um filme entre Brasil e Portugal?

O Manuscrito Perdido foi uma experiência diferente pois ele foi totalmente filmado no Brasil, embora fosse um filme português. Já *Estive em Lisboa e Lembrei de Você* é filmado nos dois países e é uma co-produção mais do que natural.

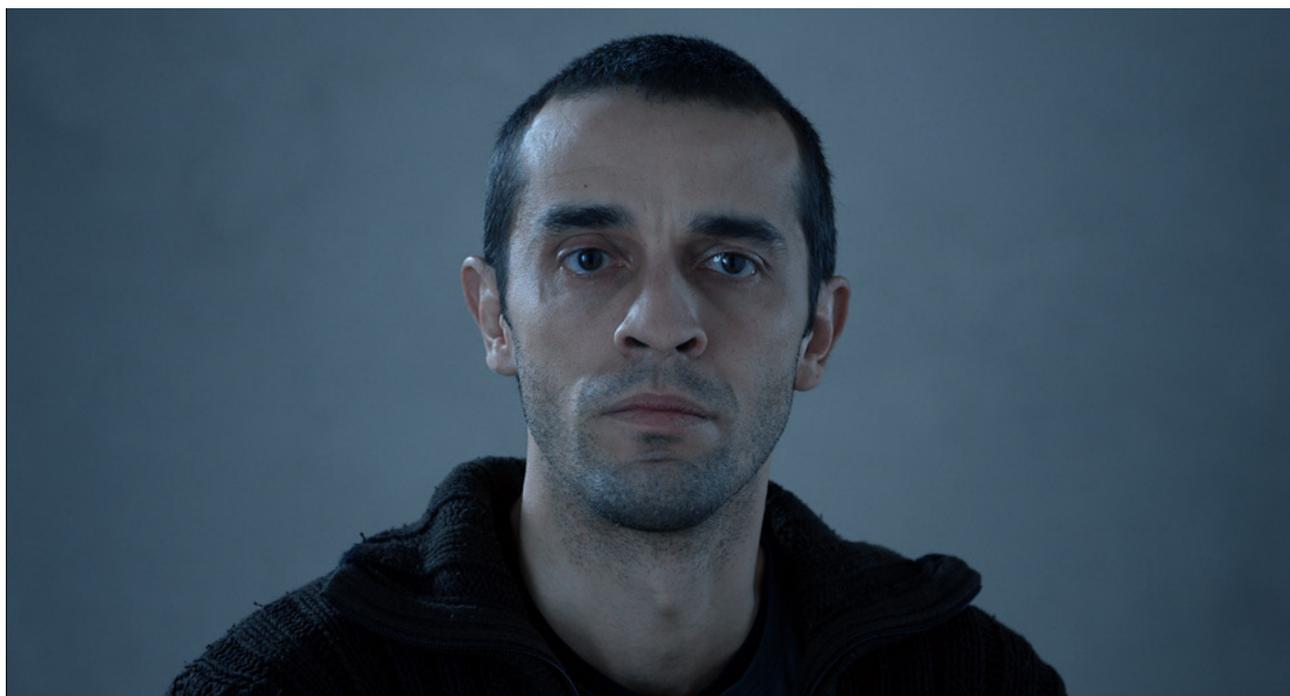
Na prática, *Estive em Lisboa e Lembrei de Você*, foi quase dois filmes distintos, duas equipas de produção diferentes, duas realidades. Em Cataguases, no Brasil, filmámos com atores e técnicos da cidade que tem um pólo de produção audiovisual muito desenvolvido, o Pólo Audiovisual da Zona da Mata. Em Portugal, com outros atores e não atores e técnicos. Manteve-se apenas a produtora executiva, o diretor de fotografia e o diretor de som por uma questão de coerência estética. Todos os filmes são complexos de fazer, este não foi diferente e tinha esse desafio. Mas foi um desafio enriquecedor e que trouxe muitas mais valias. O que aprendi com *O Manuscrito Perdido* é que trabalhar com as pessoas dos lugares onde filmo me pode trazer muitas vantagens, não só práticas e logísticas, como de reflexão sobre o trabalho que estamos a fazer. Principalmente filmando num lugar que conhecemos mal, como era o caso de Cataguases. Aos atores e técnicos pedi que trouxessem a vivência e a cultura da cidade. E isso naturalmente acontecia. Caso contrário correremos o risco de não passar dos clichés que estão à superfície.

Dizes que ao chegar a Lisboa a personagem se debateu com uma realidade diferente daquela que sonhara. Com que Lisboa sonhava ele?

Não sei bem... não sei bem com o que sonhamos quando partimos do nosso lugar para um lugar que não o nosso. Há um mito de Lisboa, “a magnífica” no imaginário brasileiro. O lugar onde tudo começou, as origens, a arquitetura dos velhos prédios lisboetas que se parece com as cidades coloniais no Brasil. A Europa, em geral, como um lugar mais tranquilo, pacífico. Para os indígenas o começo do fim. O que chega ao Brasil não é a decadência social, econômica e política que está a acontecer em Portugal. Isso é uma coisa que acontece muito. O “quintal do vizinho é sempre melhor que o meu”. É preciso viver num determinado lugar para percebermos os problemas que aí existem. Mas para os brasileiros e portugueses, em geral, acho que existe a sensação que, por causa da língua e das relações históricas, será mais fácil encontrar o nosso lugar ao fazer essa troca de país. Os brasileiros, por terem sempre recebido e até sido invadidos pelos portugueses, por terem graus de parentesco familiar (quase todos os brasileiros têm alguma ascendência portuguesa próxima), pensam que serão bem recebidos em Portugal. De alguma forma Portugal para os brasileiros é um lugar onde também podem pertencer. O que muitas vezes não é tão simples assim. Além disso quando se vai para fora do nosso país perdemos as nossas referências. E falo no plural, por mim, pelo Sérgio e pelos muitos imigrantes que encontrei e entrevistei na pesquisa para este e outros filmes. Os amigos, a família e a cultura ficam para trás. Não é fácil... Nunca é muito fácil. E há toda uma série de problemas que podem acontecer... No fundo todos procuramos uma vida melhor. Poder trabalhar e sustentar as nossas famílias. Esse é o ponto central daquilo que se procura, um sonho de uma vida melhor, num novo lugar onde se possa pertencer.

Procuraste pessoas que tinham histórias semelhantes às descritas no livro. Como foi essa pesquisa?

Na verdade eu fiz o caminho inverso que o Luiz Ruffato fez. Ele deve ter encontrado essas pessoas e transformou-as em personagens do seu livro. Ou juntou histórias e construiu as personagens a partir de várias pessoas com vidas semelhantes. Eu procurei pessoas que tivessem histórias de vida parecidas com as que Ruffato descreve e transformei-as em personagens do filme. Na verdade, eu não queria que isso fosse notório no filme, mas isso vem um pouco da minha experiência no documentário. A única diferença é que em cena, muitas vezes, essas pessoas que representam elas próprias em vez de falar para mim, fora do quadro, falam para o Sérgio. Por isso também ele é um espelho de mim



próprio. Por vezes, eu ficava com o lugar do Paulo Azevedo, o actor que interpreta o Sérgio, e ficava perto dele e perguntava coisas, ou segredava ao seu ouvido as perguntas que ele poderia fazer. Enfim, o filme é muito híbrido porque mistura muitas técnicas do documentário e da ficção, encenando o documentário como sempre fiz nos meus outros filmes. Não é muito importante o processo. Importa que o resultado final é um trabalho conjunto para o qual todos contribuíram. Não tem nada a ver com uma aproximação à realidade. A realidade de um filme é o filme quando é visto. É cinema. O cinema pode apenas ser um espelho da realidade.

Começaste a tua procura em Cataguases, no entanto não encontraste ninguém que tivesse partido. Qual foi o passo seguinte?

Encontrar o ator perfeito para encarnar o Sérgio: o Paulo Azevedo.

No início pensaste em fazer um documentário sobre o livro. O que te levou a mudar de ideia?

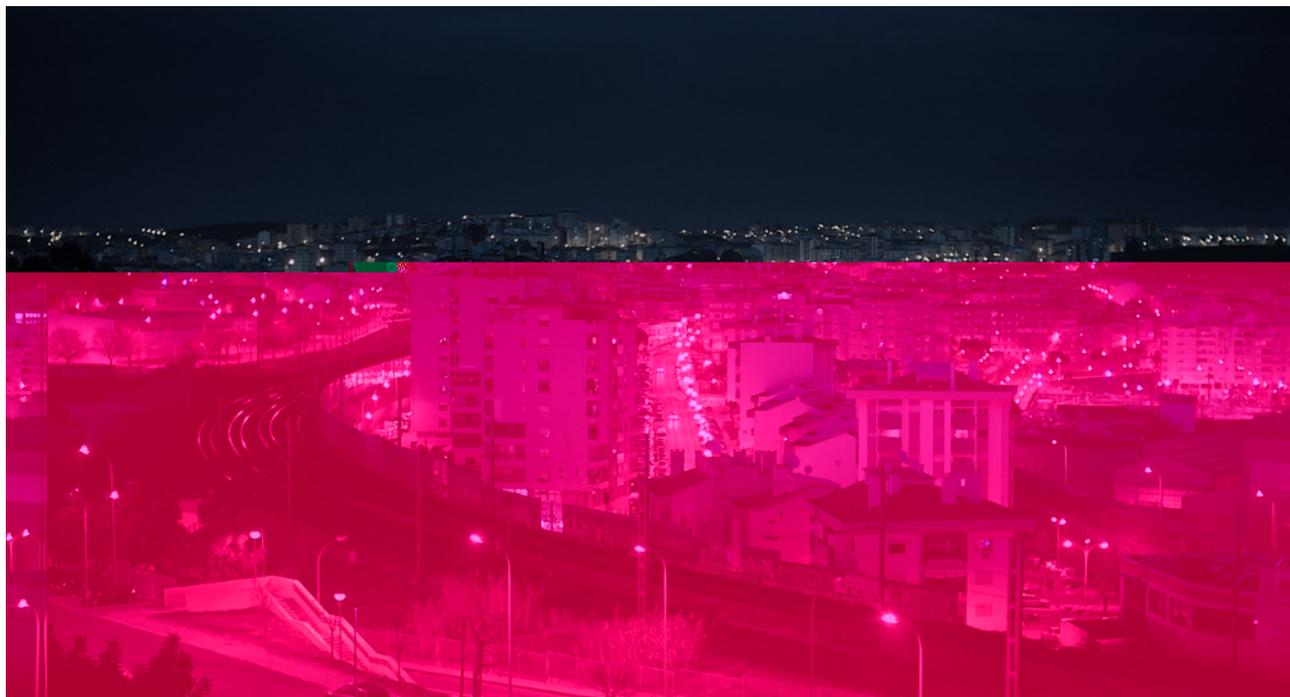
No início, pensei que iria usar mais a linguagem do que habitualmente chamamos documentário. No entanto, fui abandonando a ideia a meio do processo. Mas apenas aparentemente, como disse antes. O filme parece ficção, mas tem muito de documental. Há um momento em que os filmes se libertam dos seus autores. Pelo menos, isso acontece comigo e aconteceu-me neste filme. O filme toma uma vida própria, como se pedisse para ser feito de uma determinada maneira, com uma determinada linguagem que já não somos nós que controlamos. Apenas vamos atrás do filme e do que ele nos demanda. Não sei explicar... é como se criasse a sua própria dinâmica da qual já não se pode escapar. Isso é bom, porque significa que estás a trabalhar em algo consistente, algo que tomou um rumo muito determinado no qual as escolhas do realizador são de forma a seguir um rumo traçado. É o filme, são as imagens e os sons que ao serem manipulados na filmagem e na montagem tomam uma forma que para o meu olhar só poderia ser aquela.

Trata-se de uma ficção com pontes no documentário, um género que gostas particularmente. O que mais te atrai neste género e o que é realidade e o que é ficção?

O Manuscrito Perdido era um documentário com pontes na ficção. *O Estive em Lisboa...* é uma ficção com pontes no documentário. Não é nenhuma atração especial. O que eu faço é usar os meios e as técnicas que conheço para contar algo, transmitir sensações ou ideias sem estar preso a regras. Se um filme for mais bem contado com uma linguagem mais documental, tanto melhor. Importa o filme. Aquilo que o filme demanda e aquilo que posso fazer. Isso envolve por vezes os meios disponíveis, dinheiro para fechar uma rua, por exemplo, ou um restaurante. Se não há, filmo como se fosse um documentário e ponho o actor lá dentro. Ou o contrário, se quero contar ou transmitir algo num suposto documentário e sinto a necessidade de criar e encenar uma cena com atores, porque os personagens do documentário que representam eles próprios não conduzem o filme por onde eu acho que ele deve seguir, faço isso. É sempre uma demanda do filme. O único limite é a nossa imaginação e o dinheiro. Tudo é ficção. Já disse atrás. A realidade é uma coisa que não sei se existe... são tantas realidades, tantos pontos de vista... cada um de nós vê as coisas de forma diferente, filma as mesmas coisas de forma diferente. Então a minha realidade é uma. Mas no cinema só o filme é realidade. Existe um filme chamado *Estive em Lisboa e Lembrei de Você* quando é visto por alguém. Nem sequer existe película, só números, zeros e uns...

Ao longo do filme existiu algum acompanhamento por parte de Luiz Rufatto?

Troquei algumas mensagens ao longo do processo com o Luiz. No início, fui jantar a casa dele, em São Paulo, e conversámos. Mas mais para lhe contar em que pé estavam as coisas em termos de produção, filmagem, montagem, etc... Quando terminei uma versão de filmagem do argumento enviei-lhe. Ele só me disse que o meu Serginho era o mesmo Serginho do livro dele. O Luiz não interferiu em nada, nem pediu para ter alguma palavra a dizer. Fui eu que lhe enviei o argumento. Ele só pediu para assistir a um dia de filmagem, o que fez no último dia em Lisboa por questões de coincidência de datas. Isso talvez ele possa contar melhor do que eu, mas foi um dia muito emotivo para mim e para o Paulo Azevedo. Quando o Luiz nos disse que era assim que ele ouvia o Sérgio falar quando estava a escrever foi muito forte para nós. Foi um prazer imenso que ele estivesse connosco nesse dia e na estreia em São Paulo e julgo que ele está feliz com a leitura que fiz do seu livro. É difícil, porque cada um de nós ao ler um livro é, à sua maneira, realizador. Não no sentido técnico, isso é uma profissão que se aprende, mas todos imaginamos aquilo que é descrito nos romances, as cenas os personagens, conforme a nossa sensibilidade pessoal. Eu tenho uma família de psiquiatras e psicólogos, por exemplo. O meu avô levava-me a uma clínica onde ele ia ver doentes e eu ficava a brincar no jardim onde os doentes passeavam. Isso marcou-me. É um imaginário pessoal. Então quando o Luiz escreve no livro uma pequena frase como “Internaram-na numa clínica de repouso em Leopoldina” isso faz-me imaginar uma cena de quatro minutos. Outra pessoa poderia ter passado ao lado dessa frase. Não é certo nem errado, é o ponto de vista de cada um, o nosso envolvimento pessoal.



Trata-se de uma história bastante atual. A ida dos pobres para a Europa. Que paralelismo fazes com a recente questão dos refugiados?

Os refugiados, mais do que uma vida melhor, procuram a sobrevivência. É um caso ainda mais extremo. Uma guerra é algo sem explicação e justificação. No entanto, sei agora que muitas pessoas no Brasil vivem em lugares de “quase-guerra”, que é o que acontece nas favelas controladas pelo tráfico

no Rio de Janeiro, por exemplo. Quando o tráfico proíbe as pessoas de sair de casa num determinado dia, quando as pessoas não vão trabalhar num outro dia por causa dos tiroteios entre as várias fações rivais, isso é viver debaixo de uma guerra. Conheço pessoas que vivem essa situação.

Então pode não ser tão diferente assim. E nós devíamos ter essa consciência ao receber os brasileiros em Portugal. Todos os países deveriam estar de braços abertos uns para os outros em situações de catástrofe como a que se passa agora na Síria e com a chegada de milhares de pessoas à Europa São vergonhosas as barreiras que se criam! Mas é uma realidade. O que existe em comum é que, ao chegarem e ao serem acolhidos (o que nem sempre acontece), eles vão passar pelas mesmas dificuldades que todos os outros imigrantes passam. Estes movimentos de pessoas entre países (o Brasil recebeu muitos portugueses por causa da crise em Portugal) devem ensinar-nos algo que já deveríamos ter aprendido, mas que muitas pessoas parecem ainda não saber: que o mundo é um só lugar, e que os homens traçam linhas imaginárias a que chamam fronteiras. Devemos aprender a ser tolerantes, a receber quem precisa de ajuda. Mas isto parece um discurso tão básico e tão óbvio que por esta altura não deveria necessitar de ser feito.



Infelizmente, a intolerância religiosa e cultural, o preconceito e a xenofobia ainda existem neste nosso mundo. Acho que isso é bem patente neste filme. Eu pude vivenciar isso em Portugal com amigos e familiares brasileiros. Era também sobre isso que queria falar. Se nos virmos nesse espelho que é o cinema, se nos rirmos de nós próprios, talvez na próxima oportunidade em que nos defrontemos com determinadas situações se possa agir de maneira diferente. Muitas vezes o preconceito é inconsciente, está enraizado. E uma coisa é brincar com as diferenças culturais com um sorriso nos lábios, outra é a discriminação feita de uma forma mais violenta.

Estes problemas já deviam estar ultrapassados no Séc. XXI. Temos questões mais importantes para resolver, como a fome, a miséria, a pobreza, a guerra e um planeta à beira de uma catástrofe ambiental!

BIOGRAFIA DO AUTOR DO LIVRO

Luiz Ruffato

Luiz Ruffato é um dos nomes de destaque da literatura contemporânea brasileira. Nasceu em Cataguas, Minas Gerais, em fevereiro de 1961, filho de um pipoqueiro e de uma lavadeira. Antes de se dedicar ao campo da Comunicação e ao ofício da literatura, trabalhou como pipoqueiro, caixeiro de botiquim, balconista de armário, operário têxtil, torneiro-mecânico, jornalista, sócio de assessoria de imprensa, gerente de lanchonete, vendedor de livros autônomo e de novo como jornalista.

Em 2001, Ruffato lançou o romance *Eles Eram Muitos Cavalos*, com o qual foi premiado pela APCA - Associação Paulista de Críticos de Arte - e pela Fundação Biblioteca Nacional, com o prêmio Machado de Assis. Depois disso, publicou mais de 10 livros, entre eles a série intitulada *Inferno provisório*. Recebeu os prêmios: Prêmio APCA (*Eles eram muitos cavalos*, *Mamma, son tanto felice* e *O mundo inimigo*); Prêmio Machado de Assis (*Eles eram muitos cavalos*); Prêmio Jabuti (*Vista parcial da noite*); Prêmio Casa de las Américas (*Domingos sem Deus*). Foi finalista dos prêmios Portugal Telecom (*O mundo inimigo*), Zaffari-Bourbon (*O livro das impossibilidades* e *Estive em Lisboa e lembrei de você*) e São Paulo de Literatura (*Estive em Lisboa e lembrei de você*). Os seus livros são editados em Portugal, França, Argentina, Itália e Alemanha.



ELENCO PRINCIPAL E ALGUMAS PERSONAGENS

Paulo Azevedo – Sérgio de Souza Sampaio

Com 15 anos de profissão, Paulo Azevedo já integrou cerca de 15 espetáculos com grupos e realizadores reconhecidos da cena brasileira, como Hector Babenco, Cibele Forjaz e Yara de Novaes. Realizou espetáculos premiados que circularam por festivais nacionais e internacionais. Fundou e é ex-integrante do Grupo Espanca!. No cinema, é protagonista da longa-metragem *Paixão & Virtude*, de Ricardo Miranda e de oito curtas-metragens. Participou nas séries *O Negócio* (HBO), *Contos do Edgar* (FOX) e *Fora de Controle* (Record).

Renata Ferraz – Sheila

Atriz, realizadora, performer e artista de videoarte, formada em Artes Cénicas pelo Instituto de Artes da UNESP e mestre em Arte Multimédia (Audiovisuais) pela Faculdade de Belas Artes da Universidade de Lisboa (2014). É co-fundadora do coletivo multimédia Corrosivo (São Paulo/Londres/Lisboa), além de ter sido artista residente do Roundabout LX (Lisboa), no ano de 2013. Como atriz trabalhou com os realizadores: Antonio Abujamra (*Tchecov e a Humanidade*), Gerald Thomas (*Asfaltaram a Terra*), William Pereira (*Romeu e Julieta*) e o canadiano Barry Karp (espetáculo multimédia *A Floresta Encantada*). Assina ainda os espetáculos: *Baú De Histórias* (2002) e *Momento Argentino* (2005), de Rafael Spregelburg.

Amanda Fontoura – Noemi

Atriz amadora de teatro, vive em Ubá, cidade vizinha de Cataguases, Minas Gerais.

Rodrigo Almeida – Rodolfo

Músico, cantor e apresentador brasileiro de grande sucesso em Espanha e Portugal.

Henrique Frade – Dr. Fernando

Produtor cultural em Cataguases, realizador de cinema, entre outros. Nasceu em Portugal e foi para o Brasil com 12 anos.

Eliza Rigquete – Mãe de Sérgio

Reformada, trabalhou em diversas áreas, inclusive na Companhia Industrial Cataguases, mas nunca fez teatro na vida. Teve uma infância difícil com um pai alcoólico.

Alexandre Nunes – Sr. Alexandre

Senhor português que viveu 25 anos no Brasil durante a juventude para fugir da Guerra Colonial portuguesa. Não é ator e, no filme, mora na pensão onde vive Sérgio.

Miguel Alves – Dono do restaurante

Miguel Alves é o dono do restaurante Príncipe do Calhariz, em Lisboa, onde foi trabalhar o personagem Sérgio.

EQUIPA

Realização e Argumento - JOSÉ BARAHONA

Fotografia - DANIEL COSTA NEVES

Som - PEDRO SÁ EARP

Montagem - JOSÉ BARAHONA e PATRÍCIA SARAMAGO

Edição de som e misturas - TIAGO MATOS

Música - FELIPE AYRES

Produção - CAROLINA DIAS (Refinaria Filmes - Brasil)

Co-Produção - FERNANDO VENDRELL (David & Golias - Portugal) e MÔNICA BOTELHO (Mutuca Filmes - Brasil)

APOIO



PRODUÇÃO



DISTRIBUIÇÃO



FINANCIAMENTO

